



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



Cátedra UNESCO
O Património Cultural dos Oceanos
Portugal



UNIVERSIDADE
NOVA
DE LISBOA

[8]

OCEANICA

FICHA TÉCNICA

Oceanica – Newsletter da Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos”, n. 8 (maio, 2018)

Coordenação editorial
Joana Gaspar de Freitas (IELT)

Equipa de edição
Anabela Gonçalves (IELT)
Carla Veloso (CHAM)
Carolina Vilardouro (IELT)
Diana Barbosa (IHC)
Joana Gaspar de Freitas (IELT)
Ricardo Naito (IEM)

Design e edição fotográfica
Carla Veloso (CHAM)
Ricardo Naito (IEM)

Fotografia da capa
“lisbona” [pormenor] in
Georg Braun, Frans Hogenberg,
Civitates Orbis terrarum, Antverpiae
apud Philipum Gallaeum, et
Coloniae apud Auctores, 1572, Vol. I

Email para o envio de informações, notícias e sugestões de divulgação
oceanheritage.news@fchsh.unl.pt

Website da Cátedra UNESCO
“O Património Cultural dos Oceanos”
www.cham.fchsh.unl.pt/ext/catedra

O INSTITUTO DE ESTUDOS MEDIEVAIS E A SUA INVESTIGAÇÃO EM CONFLITOS MARÍTIMOS

Foi durante a Idade Média que se deu a primeira grande expansão de comércio marítimo, que conectou rios, mares e oceanos, e gentes de diferentes continentes e culturas.

Os oceanos podem, por vezes, ser percecionados como locais perigosos. De facto, nas palavras de Sebastian I. Sobekki: “O espanto, o medo e a admiração pelo mar são meras permutações de respostas humanas à grandeza e grandiosidade do mar, que simultaneamente carregam alteridade categórica e o resultado de uma incapacidade de as sociedades humanas o controlarem, assim como a futilidade desses esforços, sendo o seu exemplo máximo o quixotesco chicotear do mar ordenado por Xerxes”. Se punir o mar parece um pouco estranho e sem sentido, julgar as pessoas que cometem crimes no mar não o é.

Foi durante a Idade Média que se deu a primeira grande expansão de comércio marítimo, que conectou rios, mares e oceanos, e gentes de diferentes continentes e culturas. Para aqueles que participaram no comércio de longa distância, o que mais temiam não era a imprevisibilidade do mar, mas as ações de outros homens. Por isso é que, a pouco e pouco, mercadores e outras gentes do mar começaram a confiar em novas instituições e mecanismos que prometiam regular a vida marítima. Esta é a época dos primeiros seguros marítimos, dos primeiros passos evolucionários de direito consuetudinário em direção ao direito marítimo, do desenvolvimento de instrumentos formais de resolução de conflitos e da emergência de políticas estatais para o mar. Integrado no projeto internacional *Maritime Conflict Management in Atlantic Europe, 1200-1600* (coordenado por Louis Sicking, Vrije U. Amsterdam, U. Leiden), o Instituto de Estudos Medievais contribuiu para aprofundar o nosso conhecimento sobre esta faceta específica do mar ao promover a discussão sobre o papel dos governos centrais na resolução de conflitos marítimos, num seminário que terá lugar em Lisboa, nos dias 25 e 26 de outubro de 2018 – com a promessa de que nem o mar nem as gentes serão punidos, mas que se procurará apresentar resultados relevantes sobre o passado medieval do Oceano Atlântico.

Flávio Miranda

UMA INVESTIGADORA E A SUA OBRA

Amélia Aguiar Andrade

Amélia Aguiar Andrade é professora catedrática de História Medieval e investigadora no Instituto de Estudos Medievais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Publicou dezenas de artigos, capítulos em obras coletivas e livros sobre história urbana, história dos poderes, territórios e paisagens, e inquirições régias em Portugal durante a Idade Média. De 2011 até 2016, foi diretora do Instituto de Estudos Medievais e, de 2012 até 2014, foi presidente da Associação Europeia de História Urbana. Mais recentemente tem dedicado muito do seu tempo a supervisionar estudantes de mestrado e de doutoramento que trabalham em temas de história económica, política e social de Portugal na baixa Idade Média – que, certamente, contribuirão para o avanço do nosso conhecimento sobre o passado dos oceanos e para o propósito desta Cátedra UNESCO.



AS PRAIAS DE PORTUGAL

Praia do Furadouro

A praia do Furadouro, na costa de Ovar, mereceu a Ramalho Ortigão (1876) uma linha e meia, onde diz que era frequentada por algumas famílias de Aveiro e seus subúrbios. Era, por conseguinte, uma praia secundária, visitada por locais, sem o garbo e o brilho das praias vizinhas de Espinho e da Granja.

Foi utilizada, pelo menos desde o século XVI, pelas gentes de Ovar, que ali pescavam durante o verão, quando o mar o permitia. No final do século XVIII / início do XIX, passou a haver ocupação permanente na praia, associada à pesca, à arte xávega e à produção de conserva de sardinha. Em 1801 mais de 1000 homens trabalhavam nas companhas. Nas décadas de 1850-60 começaram a chegar os primeiros banhistas, gente das redondezas. Foi construída uma estrada que ligava o Furadouro a Ovar. Surgiram pequenos hotéis, cafés e casas para alugar. O Furadouro continuou a ser uma povoação de pescadores e modesta praia de banhos. Nos anos de 1950-60, tal como em outras povoações do litoral, preocupações urbanísticas levaram à organização do espaço e à construção de uma avenida marginal.

O Furadouro, tal como Espinho, sofre de graves problemas de erosão costeira. Desde o aparecimento dos primeiros banhistas até aos dias de hoje, o mar destruiu parte da povoação. Contudo, ao contrário do que aconteceu em Espinho, onde logo se procurou proteger a praia das elites, o Furadouro só foi protegido, na década de 1970, com esporões e uma muralha, quando o fenómeno se agudizou.

Hoje a atividade piscatória perdeu relevância. Parte dos seus residentes trabalha em Ovar. Muitas das habitações são segundas residências. Tudo mudou, exceto o mar que continua a ser uma ameaça todos os invernos.



▲ Praia do Furadouro (2014). Foto: Joana Gaspar de Freitas.

COMUNICAR O PATRIMÓNIO

Os cabos submarinos da ilha do Faial: pondo o mundo em conexão

Os cabos submarinos, condutores de mensagens por impulsos elétricos, revolucionaram as comunicações em finais do século XIX. A Horta (Faial), localizada estrategicamente no meio do Atlântico, serviu de ponte entre os continentes. Aqui estavam amarrados os cabos que ligavam a Europa e a América.

O primeiro cabo ficou em funcionamento em 1893 e conectava Carcavelos (Lisboa) e a Horta. Na década de 1920, quinze cabos ligavam esta cidade a Inglaterra, Estados Unidos da América, Itália, Alemanha, Canadá, Cabo Verde e outros, fazendo dela um importante centro de comunicações à escala mundial. Ingleses, alemães e americanos instalaram aqui as suas companhias telegráficas que operaram na ilha durante 60 anos. A última companhia estrangeira a funcionar encerrou os seus serviços em 1969.

Em 2010 e 2012, a Associação dos Antigos Alunos do Liceu da Horta e o Museu da Horta organizaram, com o apoio de várias instituições locais, dois colóquios e uma exposição, dedicados ao património cultural dos cabos submarinos: o colóquio "O Porto da Horta na História Atlântica/O Tempo dos Cabos Submarinos", a exposição "A Horta dos Cabos Submarinos" (2010) e o colóquio "A Horta dos Cabos Submarinos na História das Comunicações Mundiais. Valor universal do património local" (2012). As comunicações apresentadas nestes eventos foram publicadas em dois livros, com o nome dos colóquios. Em 2015, a Fundação Portuguesa de Comunicações (Lisboa) realizou uma exposição sobre "O cabo submarino – um mar de conectividades", que ganhou o Prémio para a Melhor Exposição em Portugal, nesse ano. Para além desta, mantém a título permanente a exibição do espólio da "Cable and Wireless", com material proveniente do espólio do Faial.

O objetivo deste movimento do Faial é juntar parceiros das antigas redes (Carcavelos/Madeira/Cabo Verde) numa visão de património transnacional e candidatar esta herança histórica de carácter global a património material e imaterial da Humanidade.

Mais informações em: <http://turismo.cmhorta.pt/index.php/pt/historia-e-tradi-coes/cabos-submarinos>



▲ Casa dos Cabos, onde estes eram amarrados, em Porto Pim, Faial, Açores (Junho de 2017). Foto: Joana Gaspar de Freitas.

NOTÍCIAS E EVENTOS

VIII ENCONTRO DA REDE BRASPOR
Rio Grande do Sul, Brasil, 19 a
22 de setembro de 2018

Realiza-se na cidade de Rio Grande, no sul do Brasil, o próximo encontro desta rede que se dedica aos estudos interdisciplinares sobre as zonas costeiras. Nesta reunião serão debatidos temas como vulnerabilidade e riscos futuros, interações homem-meio no litoral e bacias hidrográficas, serviços de ecossistema, evolução costeira e paleogeografia. A chamada para comunicações está aberta até 31 de julho. Mais informações em: www.braspor2018.com.br

O MAR NO IMAGINÁRIO
RELIGIOSO: CULTOS, ESPAÇOS,
REPRESENTAÇÕES
Lisboa, 26-28 de novembro de
2018

A relação do mar com a religião representa um campo de estudo rico e promissor, mas ainda pouco explorado. Nesse sentido, o IEM, o CHAM e o CEHR dão início a um ciclo de colóquios anuais sobre esta temática, organizando nos próximos dias 26-28 de novembro de 2018 as Jornadas Internacionais "O Mar no Imaginário Religioso: Cultos, Espaços, Representações". O evento pretende explorar a presença do mar no imaginário religioso, numa perspetiva diacrónica e multidisciplinar, em função das seguintes problemáticas: I) A procura de proteção contra o mar: cultos e memórias hagiográficas; II) Os santuários e os espaços religiosos: história, património e funcionalidades; III) Discursos e representações religiosos sobre o imaginário marítimo: literatura, liturgia, iconografia e música. O apelo a comunicações abrirá brevemente e encerrará no dia 30 de junho.

ARQUEOLOGIA MARÍTIMA

Conceitos de parque arqueológico subaquático no espírito da convenção da UNESCO

A conservação de património arqueológico subaquático *in situ* é decorrente da necessidade de proteger um determinado sítio contra eventuais danos à sua integridade e responde a um dos princípios da convenção da UNESCO, que é evitar ações intrusivas, quando são desnecessárias, como sejam escavação ou desmantelamento total e remoção dos vestígios arqueológicos. A criação de zonas de reserva em meio aquático é cada vez mais, principalmente após a Convenção da UNESCO de 2001, uma prioridade perante outro tipo de intervenção sobre os sítios arqueológicos. As práticas que se verificam no panorama internacional tendem a diferenciar as zonas de proteção nas seguintes categorias: parque arqueológico subaquático; reserva arqueológica subaquática; reserva marinha e arqueológica: reserva arqueológica subaquática sem intervenção. O primeiro tipo corresponde a uma área aberta ao público, quer sejam mergulhadores ou barcos de observação. Já as reservas arqueológicas subaquáticas apenas podem ser acedidas por profissionais habilitados para trabalhos de arqueologia ou outros relacionados que visem apenas a investigação. As reservas marinhas e arqueológicas pressupõem uma ação conjunta de proteção dos sítios tanto em termos ambientais como patrimoniais e normalmente podem ser visitadas por turistas. E, por fim, temos as zonas de reserva sem intervenção que correspondem a áreas que pelo seu valor ou importância patrimonial e científica são totalmente interditas a qualquer acesso e visam essencialmente criar zonas de preservação para as gerações vindouras.

Catarina Garcia

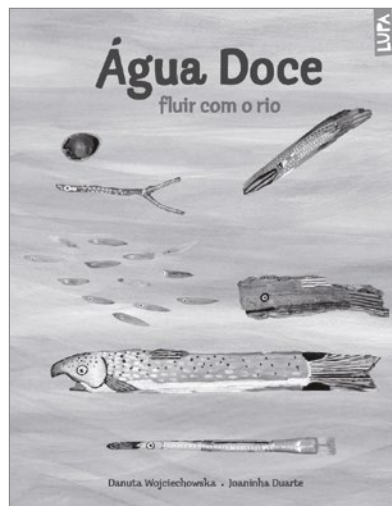


▲ Placa subaquática do Parque Arqueológico Subaquático na Croácia, Mar Adriático. Aqui os mergulhadores podem ver os vestígios de vários naufrágios romanos, que estão protegidos por gaiolas de metal. © I. Radic/UNESCO. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/underwater-cultural-heritage/partners/diving-community/diver-access/>

PUBLICAÇÃO

Água Doce, fluir como o rio,
Danuta Wojciechowska e Joaninha Duarte

Foi publicado recentemente, pela Lupa Design, um livro infantil que explora o mundo da água doce, enquanto recurso limitado e precioso. Através de uma linguagem lúdica, recorrendo a jogos, atividades, narrativas curtas, factos científicos, dicas e curiosidades, assinala-se a importância e a necessidade de proteger os cursos de água e os seus ecossistemas, destacando-se também a riqueza deste património natural e cultural (material e imaterial). Mais informações: www.lupadesign.pt



A OCEANICA é uma newsletter criada para divulgar as iniciativas e atividades realizadas no âmbito da Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos”.

Com ela pretende-se também fomentar a criação de uma rede internacional de instituições e pessoas interessadas pela temática e que queiram participar enviando notícias e sugestões.

Email para o envio de informações, notícias e sugestões de divulgação

oceanheritage.news@fcs.unl.pt